

TOMÁS DE AQUINO E OS ATRIBUTOS DIVINOS

Fernanda Daniela Prado¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar em linhas gerais o pensamento do filósofo Tomás de Aquino. Conforme o pensador medieval, a fé presta uma ajuda providencial para a razão, a fim de que esta possa conhecer mais facilmente e com maior certeza aquelas verdades que estão a sua competência e, com isso, torna acessível as verdades supremas e transcendentais que superam toda a sua capacidade. A princípio, Aquino reivindicou a suficiência da razão e se ateve cuidadosamente para o uso preciso da linguagem em suas indagações e, por conseguinte, possibilitou falar de Deus com certa precisão a partir dos vestígios impressos nas suas obras. Além disso, responde às autoridades da época de forma perspicaz e demonstra a existência de Deus para em seguida, extrair os atributos divinos mesclando filosofia e teologia mediante uma elegância ímpar. O que é conhecer e qual o valor do conhecimento acerca de Deus? Afinal, seria essa questão a mesma da origem do ser?

Palavras-chave: Teologia; Fé; Razão; Atributos divinos; Deus.

1 INTRODUÇÃO

O doutor da verdade católica deve não apenas ensinar aos que estão mais adiantados, mas também instruir os principiantes, segundo o que diz o Apóstolo: "Como a criancinhas em Cristo, é leite o que vos dei a beber, e não alimento sólido". (AQUINO, 2016, p. 135)

Tomás de Aquino nasceu em Roccasecca no reino de Nápoles, por volta do final de 1224 (ou início de 1225), e faleceu com a idade de 50 anos, em 7 de março de 1274. O triplice Doutor *Angelicus*, *Communis* e *Universalis* jamais se considerou filósofo, bem como foi um grande crítico dos filósofos pagãos, que segundo ele, estavam sempre aquém da verdadeira e correta sabedoria encontrada na revelação divina.

¹ Licenciada em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina-PR; Especialização em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Estadual de Londrina-PR; Especialização em Educação à distância pela Faculdade de Pinhais; Bacharela em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná; Professora da rede pública e privada de ensino em Curitiba-PR. E-mail: prado.fernanda@escola.pr.gov.br.

A princípio, destaca-se que o século vivido por Tomás foi um período de energias e entusiasmos intelectuais inusitados. É sabido que, no princípio do século XIII, surgiram as novas universidades e as novas ordens religiosas. Ao contrário do século XII, os filósofos tinham à sua disposição um número bastante expressivo de textos aristotélicos e seus comentadores. Nesse período, o que se chamava de a Escola (daí o termo Escolástica) era devido às variedades culturais das línguas, dos gêneros literários, das referências etc.².

É válido ressaltar que as influências filosóficas do Aquinense³ foram inúmeras, a saber, Agostinho de Hipona⁴, Alberto Magno, Proclo, Boécio, Aristóteles, Avicena etc. Partidário da filosofia aristotélica, Aquino defendeu que a filosofia de Aristóteles (a quem se referia como “o filósofo”) não era necessariamente pagã pelo mero fato de ter o Estagirita nascido antes de Cristo e ademais os outros filósofos gregos tinham do mesmo modo uma concepção de Deus. Diferentemente do seu grande mestre Alberto Magno⁵, o aristotelismo foi abordado de uma maneira distinta, pois não pretendia aprender dele os segredos da natureza, mas fazer da concepção de natureza que ele ensinava um verdadeiro caminho para Deus. O filósofo italiano, similarmente, teceu comentários sobre o célebre Pseudo-Dionísio⁶, de quem assimilou a chamada

² Por filosofia escolástica se entende a filosofia ensinada usualmente nas escolas durante o século XI ao século XIV. A Escolástica ou “filosofia das escolas” (beneditinas e episcopais primeiro e depois as de fundação dominicana e franciscana) dá seguimento a Patrística no elaborar as verdades da fé, porém, com características próprias.

³A título de curiosidade, o apelido de Tomás era o “boi mudo da Sicília” devido ao seu comportamento reservado e silencioso. Seu mestre Alberto Magno apregoou: “Esse moço, que nós chamamos de ‘boi mudo’, mugirá tão forte que se fará ouvir o mundo inteiro!”

⁴ Para Santo Tomás, Santo Agostinho foi, em matéria de fé e de teologia, o “Padre” por excelência, o primeiro mestre.

⁵ Foi de Alberto Magno (1193-1280) que Tomás recebeu sua primeira iniciação filosófica. Alberto Magno foi o primeiro a definir o estatuto das ciências da cristandade. Para Magnus, “o Grande”, em matéria de fé e de medida, era preciso se sustentar na filosofia de Santo Agostinho, em medicina, seria adequado se amparar em Galeno e em Hipócrates, mas em se tratando da natureza das coisas, era em Aristóteles que deveria se tutorar.

⁶ Entre os séculos V e VI, viveu o neoplatônico Dionísio Areopagita, o qual, por um tempo, foi confundido com o Dionísio convertido por São Paulo em seu discurso no Areópago. O Pseudo-Dionísio foi autor dos tratados que tiveram grande reverberação na Idade Média intitulados *Hierarquia celeste*, *Hierarquia eclesiástica*, *Nomes divinos*, *Teologia mística* e *Epístolas*. Para Dionísio, é possível conhecer Deus a partir de duas vias: pela causalidade, que atribui a Deus todas as perfeições possíveis e a célebre via negativa

teologia "apofática" ou negativa. A chamada via negativa é o processo pelo qual se pode descartar toda maneira de ser que seja incompatível com a natureza divina⁷. Logo, tratará não de negar o que anteriormente tinha sido afirmado em Deus, mas sim de trazer uma compreensão mais clara de que a percepção de que Deus transcende infinitamente as possibilidades do conhecimento humano. Em outras palavras: "com efeito, não podemos apreender de Deus o que é, mas sim o que não é, e sua relação com as coisas". (AQUINO, 1990, p. 79).

Para o pensador medieval, a Teologia era uma doutrina sagrada, como também era uma ciência, cuja matéria prima eram as Escrituras Sagradas e a tradição católica. O diferencial da sua filosofia foi a constatação de que a razão dada ao homem por Deus não se choca com a fé e, se bem utilizada, pode sim conduzir à verdade. Assim, se a revelação divina complementa e orienta a racionalidade humana, a fé seria então um ato da própria razão ou, pelo menos, do espírito humano⁸. Com isso, caberá à razão prestar à fé um triplo amparo, a saber, demonstrar os "preâmbulos da fé"; explicar de forma elucidativa as verdades da fé e contrapor as objeções que se impuserem contra a fé. O Aquinense esclarece:

Não se pode, porém, atribuir imperfeição à doutrina da fé, porque ela deixa de lado muitas propriedades das coisas, como, por exemplo, a figura do céu, a qualidade do movimento. Semelhantemente, nem o filósofo da natureza considera na linha as mesmas propriedades consideradas pelo geômetra, mas somente aquelas que nela estão enquanto limite do corpo natural. (AQUINO, 1990, p. 6)

É importante enfatizar que a fé presta uma ajuda providencial para a razão, para que esta possa conhecer mais facilmente e com maior certeza aquelas verdades que estão à sua competência, e, com isso, torna acessível as verdades supremas e transcendentais que superam toda a sua capacidade. Apesar de

que anuncia a ignorância humana em relação ao conhecimento da totalidade do Deus transcendente.

⁷ No capítulo 14 do Livro I da *Suma contra os gentios*, Tomás de Aquino afirma que é necessário proceder pela via da remoção (*via remotionis*) para o aprofundamento nas questões referentes à substância divina.

⁸ É manifesto que para Tomás a Teologia retifica a Filosofia. Se a fé traz uma espécie de melhoria à razão, a Teologia seguirá esse mesmo itinerário em relação à Filosofia. A Filosofia, como *preambulum fidei*, é autônoma e tem seus próprios instrumentos e métodos para a descoberta da verdade.

acreditar que os seres humanos tinham a capacidade natural de conhecer muitas coisas sem a revelação divina, o Aquinate também afirmava que as revelações ocorriam especialmente em relação àquelas verdades pertinentes à fé.

As duas obras magnas, a *Suma contra os gentios* (*Summa contra gentiles*) e a *Suma Teológica*, têm como pressupostos o fato de que podemos conhecer tanto a existência de Deus, como também os atributos divinos, não restritos unicamente à esfera da fé. Previamente, é crucial argumentar acerca da existência de Deus, para em um momento posterior expor as suas características divinas. A *Suma contra os gentios* não é um livro de ensino propriamente dito, mas um tratado que engloba grandes verdades filosóficas que estabelecem e sustentam a fé cristã. Já a *Suma Teológica*⁹ destaca a realidade absoluta contemplada em Deus e a partir dele. O método, argumentação e desenvolvimento dessa obra prima são dirigidos pelo grande objetivo de convencer os adversários da fé, refutando suas objeções a partir da razão e seus consequentes argumentos.

Cabe destacar também que uma das condições de possibilidade da teologia e, primeiramente, da fé é a analogia (*secundum analogiam*)¹⁰. O raciocínio por analogia permite passar de uma verdade a outra e, de um modo geral, é definida como o princípio da semelhança, tal qual é a correspondência intrínseca entre os seres, os quais, apesar de pertencerem a ordens diferentes, têm em comum o existir. Posteriormente, a analogia significará na filosofia do Aquinense o modo formalmente correto para se referir a Deus.

Na introdução, é preciso apresentar o tema e o contexto em que a experiência pedagógica foi realizada, justificando sua relevância e seus objetivos.

É importante fazer uma breve revisão bibliográfica sobre o tema da experiência a fim de justificar e contextualizar sua relevância.

⁹ O verdadeiro título da obra é *Summa Theologiae*, isto é, “*Suma de teologia*”, ou melhor, “*Suma da teologia*”.

¹⁰ A teoria da analogia é de suma importância nas reflexões de Tomás de Aquino. Analogia em grego significa proporção e o ponto de partida da teoria da analogia é uma questão de linguagem. Aqui se faz necessária uma questão: como realidades diversas podem ser denominadas por um mesmo nome? As respostas à questão podem ser inúmeras, a saber, poderia tratar-se de pura equivocidade, ou de univocidade, ou ainda de analogia. Nesse caso, realidades que permanecem diversas entre si por sua essência dão lugar a uma mesma denominação em razão de certa proporção.

Informar ao leitor a organização do texto do relato a fim de situar sua leitura e informar brevemente o resultado da experiência.

2 OS ATRIBUTOS DIVINOS

Para Santo Tomás, ser é, antes de tudo, existir, ou seja, o ser se define em função da existência. O ato de existir foi intitulado como *Esse*¹¹, ou seja, é a síntese de essência e existência, em que a essência é o que o ser é enquanto a existência, o ato pelo qual é. Afinal, o problema acerca de Deus é o problema da origem do ser¹². Ademais, o frei dominicano alegava que existiam três tipos de seres: Deus, os anjos (substâncias puramente espirituais) e os seres compostos de matéria e forma.

Nesse íterim, dentre as múltiplas contribuições da filosofia tomásica, uma das que mais se destaca foi a distinção entre essência e existência. É sabido que o que existe em essência existe de alguma maneira (mesmo que ontologicamente)¹³. Logo, o conceito imprescindível de ente real esboçará a metafísica tomista em seu pleno desenvolvimento. Apesar de tudo o que é de

¹¹ A palavra *Esse*, além de significar existência em ambos os seus sentidos, apresenta uma variedade de significados em que corresponde à palavra *Ser*. A língua latina coloca dois vocábulos distintos para designar o ser, a saber, *Ens* (um ser) ou *Esse* (o próprio ato de existir). O *Ens* (ou ser) é denominado regularmente por Tomás como substância, sujeito, supósito. Não obstante, o existir, o *ipsum esse*, é um ato, isto é, a atualidade de tudo o mais.

¹² Segundo Antonin-Dalmace Sertillanges em *Grandes teses da filosofia tomista*, *ser* pode tomar-se em dois sentidos: 1 - Para significar a própria entidade de qualquer coisa; e, neste sentido, o *ser* é substância, quantidade, qualidade etc.; 2 - *Ser* emprega-se para exprimir a verdade de uma proposição por meio da cópula verbal: é. No primeiro sentido, o termo *ser* designa a própria realidade de Deus, e por conseguinte um incognoscível; no segundo, não designa nada; não é um predicado, logo, poderia aplicar-se também a uma coisa sem existência real.

¹³ Na obra *O ente e a essência*, de Santo Tomás, o conceito fundamental de ente indica qualquer coisa que existe ou que é de algum modo. O ente pode ser entendido tanto em sua manifestação lógica ou puramente conceitual, como em sua manifestação real ou extramental. O ente lógico é concebido como uma abstração que, de certa maneira, expressa o real. Por sua vez, o ente real pode ser considerado como essência ou ato de ser (*actus essendi*). À vista disso, para Santo Tomás, ente é o que tem ser.

algum modo ser chamado de ente, Deus seria o único ente no qual essência (quididade¹⁴) e existência se identificam¹⁵.

Do mesmo modo, Santo Tomás salienta a magnitude da investigação detalhada sobre as origens primordiais, os seres e perfeições preliminares, os primeiros princípios de tudo o que existe, pois, em qualquer série de causas, do primeiro é que procederá todo o resto. É relevante frisar que nas séries causais não se pode invocar indefinidamente para intermediários. Aqui se fazem necessários alguns questionamentos: será possível fazer a demonstração de Deus? O que podemos saber de Deus?

Apesar de Deus ser a fonte e fundamento do ser, como também a realidade da qual tudo o que existe participa, de Deus, só sabemos o que ele não é. Nesse sentido, o conhecimento humano acerca da existência de Deus se dá não pela contemplação da sua essência ou natureza, mas refletindo sobre seus efeitos. É notório que todo efeito conserva um vínculo ontológico com a sua causa¹⁶. De fato, esse vínculo sustentará a noção de similitude (*secundum similitudinem*).

A demonstração de Deus empreende-se a posteriori (*demonstratio quia*), pois irá partir dos efeitos (as criaturas) e não das causas. Dessa maneira, todo o conhecimento se inicia pela experiência sensorial e, por conseguinte, um conhecimento acerca de Deus só pode partir dos seres contemplados no mundo físico e natural. Segundo o filósofo:

Pode-se mostrar como Deus não é afastando dele o que não lhe pode convir, como: ser composto, estar em movimento etc. Assim, pergunte-se primeiro sobre a simplicidade de Deus pela qual dele se exclui a composição. Como, porém, nas coisas corporais, as simples são as menos perfeitas e fazem parte das outras, pergunte-se em segundo sobre sua perfeição; em

¹⁴ Quididade (*Quidditas*) é um termo introduzido pelas traduções latinas feitas no século XII (do árabe) a partir das obras de Aristóteles; corresponde à expressão aristotélica (*quod quid erat esse*). Esse termo significa essência necessária ou substância. São Tomás entende a essência como quididade que compreende tudo o que está expresso na definição da coisa; logo, não só a forma, mas também a matéria.

¹⁵ São Tomás nega a predicação accidental a Deus, já que Deus é imutável. Dada a simplicidade de Deus, nada poderá implicar qualquer tipo de acidente em sua substância. Só em Deus a essência é a própria existência, pois Deus é, ou seja, existe por essência.

¹⁶ Causalidade, em seu significado mais geral, é a conexão entre duas coisas, em virtude da qual a segunda é univocamente previsível a partir da primeira.

terceiro, sobre sua infinidade; em quarto, sobre sua imutabilidade; e em quinto sobre sua unidade. (AQUINO, 2016, p. 170)

Nessa perspectiva, não é possível atingir o ser de Deus, assim como também a sua natureza mais íntima. No entanto, apesar dessa limitação cognitiva, é possível formar de Deus um juízo de existência pela razão natural. Logo, não se pode conhecer o que Ele é em si mesmo, mas só o que é em relação aos indivíduos, ou mais precisamente, o que eles são em relação a Deus. Segundo Tomás:

Nosso conhecimento natural se origina nos sentidos. Portanto, esse conhecimento natural pode se estender até onde pode ser conduzido pelos objetos sensíveis. Ora, a partir dos objetos sensíveis, nosso intelecto não pode alcançar a visão da essência divina; porque as criaturas sensíveis são efeitos de Deus que não se igualam ao poder da causa. Por esta razão, a partir do conhecimento das coisas sensíveis, não se pode conhecer o poder todo, o poder de Deus, nem, por conseguinte ver sua essência. (AQUINO, 2016, p. 282)

Para demonstrar os predicados ¹⁷ divinos, é preciso capturar as informações provenientes do mundo por via dos sentidos e as "purificar" a partir da abstração do que nelas existe de universal. Uma vez admitido que Deus existe na realidade ou na inteligência, admitem-se também os seus atributos essenciais; a simplicidade de Deus como foi demonstrada em oito artigos na questão três da *Suma de Teologia*. Ao conhecer a existência de algo, é necessário investigar com profundidade como ele é. É sabido que se de Deus só podemos saber o que Ele não é, é mister considerar: como Deus não é; como é conhecido por nós e como Ele é nomeado. Os oito artigos que compõem a primeira questão variam entre os seguintes questionamentos: Deus é um corpo? Há nele composição de forma e matéria? Deus é o mesmo que sua essência ou natureza? Em Deus são o mesmo a essência e o existir? Deus está em algum gênero? Em Deus há acidentes? Deus é totalmente simples? Entraria Deus na composição das coisas?

¹⁷ Predicado (*Praedicatum*) é o termo lógico que equivale a atributo: é o termo que exprime aquilo que atribuímos ao sujeito de uma proposição.

Nesse sentido, o conjunto dos diferentes atributos divinos é a maneira encontrada pelo homem para tentar entender o que é Deus em sua plenitude. Um desses atributos seria o existir por si mesmo, porque sem ele Deus não explicaria nada, pois não poderia ser considerado causa do ser. O próprio existir divino - *Ipsum divinum Esse* - é a essência ou natureza de Deus. Deus é uma causa não causada por nenhuma outra¹⁸. Tudo o que é, de algum modo, no mundo, é por causa de um outro, ou seja, nenhum ser pode ser a sua própria causalidade, visto que todo ser é causado e as causas não podem se estender ao infinito. Em suma, todo efeito guarda algo de sua causa e Deus é causa eficiente de tudo o que existe. Dessa maneira, Deus é uma causa que ultrapassa todos os seus efeitos¹⁹.

Tomás atribui a Deus o termo “causa equívoca”, ou seja, é uma causa superior ao efeito criado. No caso das criaturas, jamais essas poderão se equiparar ao criador no que diz respeito, por exemplo, ao grau de perfeição que o criador possui e a perfeição presente nas demais criaturas. Vale acentuar aqui que entre as criaturas e Deus a relação não é de univocidade (identidade) nem de equivocidade (simples multiplicidade), mas sim de analogia ou semelhança, no sentido de que aquilo se atribui às criaturas pode se falar de Deus, mas não do mesmo modo e veemência.

¹⁸ A filosofia e teologia tomasiana trazem como diferencial as renomadas Cinco Vias para conhecer a existência de Deus. Um dos principais fatores da prova da existência de Deus é a existência do mundo como seu efeito. As provas da existência divina podem ser encontradas em muitos lugares em suas obras. As Cinco Vias expostas na *Suma de Teologia* I, questão 2-3, partem da própria realidade material conhecida pela experiência sensorial. A Primeira Via é a do Movimento e refere-se a tudo aquilo que se move é movido por outro. Assim sendo, é preciso crer na existência de um *primum movens* (primeiro motor); a Segunda Via é a da Causa, pois não é possível que exista uma série infinita de causas. Diante disso, existe uma primeira causa não causada; a Terceira Via é a da Contingência, já que as coisas são contingentes, ou seja, podem existir ou não existir. Portanto, é fundamental que algo seja necessário; a Quarta Via é a da Perfeição, uma vez que existem diversos graus de perfeição, implicando em um grau máximo de perfeição ao qual se referir. Por fim, a Quinta Via é a do Finalismo, dado que existe um finalismo no universo, e esse fato implica a existência de uma causa inteligente e finalista.

¹⁹ Na filosofia tomista, a noção de causa não pode ser compreendida senão em função da noção de ser. A causa é aquilo pelo que alguma coisa é. Ser causado é ser por um outro, o que difere a noção de ser por si, isto é, o ser em virtude de sua própria essência. Deus é ser por si (*per se*) e nenhuma outra realidade tem em sua própria essência sua razão de existir.

Mas já dissemos que Deus está acima do ser e, por conseguinte para além do ser, como sua Origem. Logo, se Deus está acima do ser, com mais razão está acima das categorias que nos revelam o ser e nos designam os gêneros, como substância, qualidade, quantidade, lugar, duração etc., etc... E com muito mais razão ainda, estão acima e para além das diferenças com que o espírito precisa destas noções e as aplica aos seres, e que são, por exemplo, matéria, espírito, indivíduo, pessoa, inteligência, potência, bondade, justiça e, em geral, qualquer atribuição substancial ou accidental, qualquer qualificativo vindo das classificações gerais onde inevitavelmente se ordena tudo o que existe. (SERTILLANGES, 2019, p. 83)

Por esse viés, ao afirmar que Deus existe, é preciso admitir que o predicado (existir) é o mesmo que o sujeito (Deus). Se Deus existe (*an Deus sit*), temos necessariamente de afirmar que existe por si mesmo, em razão da sua própria natureza. É notório na metafísica que Ser é diferente da essência, pois as criaturas são seres contingentes. No caso da filosofia tomista, é Deus que permite às essências se realizarem em entes, isto é, em seres existentes. Antonin-Dalmace Sertillanges esclarece:

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, dentre as qualidades divinas, destacam-se: Deus é absolutamente simples e sem composição de partes; Deus é perfeito, já que nada lhe falta; Deus é infinito, ou seja, no sentido que os seres criados são física, intelectual e emocionalmente limitados; Deus é imutável, isto é, não é passível de mudanças de caráter ou essência; Deus é uno, sem diversificação em si próprio.

Deus também é ato²⁰ puro, pois não há o que se atualizar nele devido à sua completude. Se Deus é o ser que existe como fundamento da realidade das outras essências, essas essências participam do ser de Deus²¹. Ele é *Ipsium*

²⁰ Ato (do latim *actus*) pretende traduzir a *energéia* (ação, atividade) ou a *entelequia* (entelquia) de Aristóteles. O Ato puro é o Ser que não é realização de uma potencialidade, mas pura e simplesmente Ato de ser, subsistente por si. Esse Ser é ilimitado e possui em si mesmo a totalidade do Ser e da Realidade.

²¹ Aqui nota-se a influência da filosofia platônica no que se refere à ideia de participação, pois, segundo Tomás, os seres criados participam de certas perfeições que se encontram em sua plenitude somente em Deus. Participar é realizar parcialmente em si

Esse subsistens, ou seja, é a própria existência subsistente que se encontra formalmente realizada a perfeição de tudo o que existe; este ato puro de existir, o Ser cuja existência está em estado puro, total e absoluta. É conveniente ressaltar que Deus não possui potência passiva²² e essa seria um princípio de imperfeição das coisas e Deus é absolutamente simples²³. Consoante o Aquinate:

Porque o que é o primeiro ente tem de estar necessariamente em ato, de modo algum em potência. Embora, em uma única e mesma coisa que passa da potência ao ato, a potência seja anterior ao ato no tempo; no entanto, absolutamente falando, o ato é anterior à potência, pois o que está em potência só é levado ao ato por um ente em ato. (AQUINO, 2016, p. 171).

Logo, Tomás de Aquino possibilitou falar de Deus com certa precisão a partir dos vestígios impressos nas suas obras. O inefável sábio medieval enfrentou corajosamente a necessidade de compreender o incompreensível e se pôs a definir a necessidade do indefinível. A princípio, reivindicou a suficiência da razão, antecipando a um dos comportamentos mais característicos dos pensamentos do Humanismo e do Renascimento e, com isso, partiu da constituição de Deus por meio da negação daquilo que Deus não é, ou seja, não é um puro ideal, não é um corpo, não é uma distinção qualitativa exprimível por termos humanos etc., mas Deus está acima do ser, e por conseguinte para além do ser, assim como a sua origem.

Assim, Deus, que segundo São João Damasceno foi definido como um “Oceano de substância”, criou os seres para que participem de sua essência, sendo o primeiro e mais nobre ente, não existindo nele nada de potencial e o grau de perfeição presente nas criaturas não possui medida de comparação com

próprio aquilo que está totalmente realizado em outro, ou seja, aquele que participa depende daquele do qual ele participa.

²² Aristóteles definiu a potência como o princípio ou a possibilidade de uma mudança qualquer. Contudo, Santo Tomás afirma que a potência vale mais para a potência ativa do que para a potência passiva, sendo a potência ativa o princípio próximo da ação. A potência ativa é a capacidade de realizar mudança em outra coisa ou em si mesmo. Já a potência passiva é a capacidade de sofrer mudança, causada por outra coisa ou por si mesmo, ou seja, a passividade da potência é a aptidão para receber algo.

²³ Tomás de Aquino irá responder à questão sobre se Deus é totalmente simples a partir de tais constatações, a saber, em Deus é incorpóreo, ou seja, não há composição de forma e matéria; não havendo nele distinção de natureza e *supósitum*; gênero e diferença; sujeito e acidente; essência e de ser.

a perfeição divina. Apesar do ser humano não estar apto a apreender o que é a substância divina, os preceitos que melhor proferem o projeto filosófico-teológico de Tomás de Aquino variam entre o lema de Santo Anselmo da Cantuária “*Fides queens intellectum*” e Aristóteles que, na *Metafísica*, afirmou que a sapiência é o conhecimento de causas e todos os homens, por natureza, tendem ao saber.

Também não se pode deixar de lado as seguintes interpelações: o que é conhecer e qual o valor do conhecimento acerca de Deus? Por que Tomás concedeu múltiplos atributos divinos e concluiu depois a incognoscibilidade do Primeiro Princípio?

Por fim, o Aquinate faz a releitura da metafísica aristotélica e se ateve cuidadosamente para o uso preciso da linguagem em suas indagações. Além disso, responde às autoridades da época de forma perspicaz e demonstra a existência de Deus para, em seguida, extrair os atributos divinos mesclando filosofia e teologia mediante uma elegância ímpar. O filósofo medieval, além de refutar questões complexas, como a multiplicidade de nomes dados a Deus e a não contrariedade disso dada a simplicidade divina, ainda declara que os atributos divinos são e estão em grau máximo: sabedoria, onipotência, amor, justiça, misericórdia, bondade, verdade substancial, onisciência etc. Se nos indivíduos tais atributos estão separados e em Deus são atributos únicos, quais atributos seriam dignos para nominar a São Tomás de Aquino e seu projeto inacabado que ultrapassou mais de dois milhões de palavras contidos na *Suma de Teologia*?

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi et al. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970.

ANTISERI, D.; REALE, G. *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média*. 7 ed. vol I. São Paulo: Paulus, 2002.

AQUINO, T. *Suma contra os gentios*. volume 1 e 2. Tradução de D. Odilão Moura e D. Ludgero Jaspers; Revisão de Luis Alberto de Boni. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes: Sulina; Caxias do Sul: Universidade Caxias do Sul, 1990. Disponível em:

<http://obrascaticas.com/livros/Apologetica/Suma%20Contra%20os%20Gentios%20Volume%20I%20Livro%201.pdf>. Acesso em: 7 de mar. 2021.

_____. *Suma teológica*: teologia, Deus, trindade, volume 1: I parte: questões 1-43. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

GARDEIL, H. D. *Iniciação à Filosofia de São Tomás de Aquino*: psicologia, metafísica. Prefácio de François-Xavier Putallaz. Tradução de Cristiane Negreiros Abbud Ayoub, Carlos Eduardo de Oliveira. São Paulo: Paulus, 2013. Coleção Filosofia Medieval.

KENNY, A. *Uma nova história da Filosofia Ocidental*: Filosofia Medieval. 2 ed. v. II. Tradução de Edson Bini. Revisão técnica de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2012.

LOBO, L. S. Tomás de Aquino e os atributos divinos. *Philosophos*, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 89-108, jan/jun 2011. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/philosophos/article/view/12422/9549>. Acesso em: 13 fev. 2021.

MONDIN, B. *O humanismo de Tomás de Aquino*. Tradução de Antonio Angonese. Bauru: Edusc, 1998.

SCIACCA, M. F. *História da Filosofia I*: Antiguidade e Idade Média. Tradução de Luís Washington Vita. São Paulo: Mestre Jou, 1967.

SERTILLANGES, A. D. *Grandes Teses da Filosofia Tomista*. 1 ed. Campinas: Calvariae Editorial. Campinas, 2019.